O OCCIDENTE

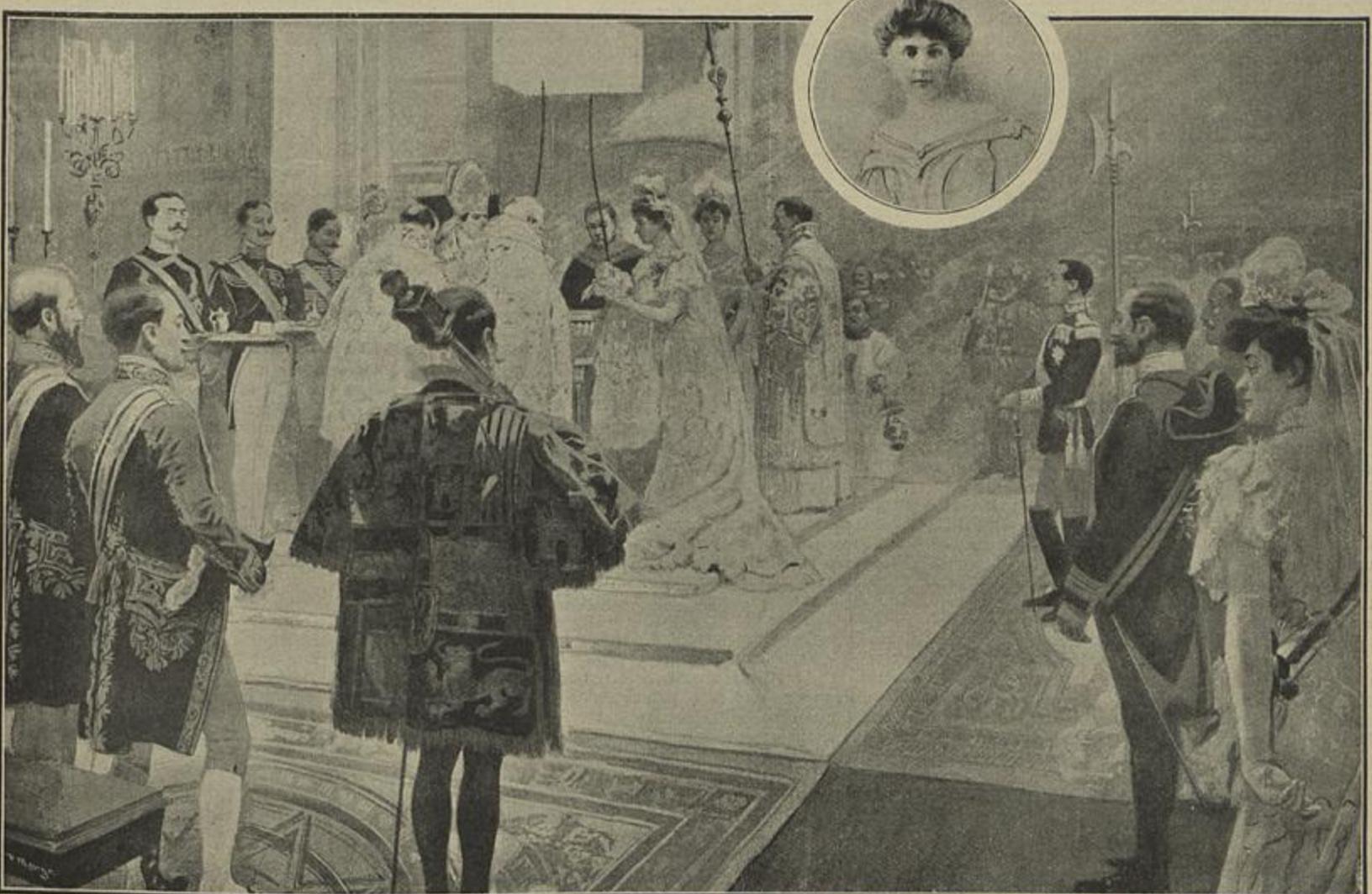
REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte), m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem).......	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

30.º Anno — XXX Volume — N.º 1024

10 DE JUNHO DE 1907

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

S. M. a Rainha Ena Victoria

O BATISADO DO PRINCIPE DE ASTURIAS, HERDEIRO DO TRONO DE ESPANHA, NA CAPELLA DO PALACIO REAL DE MADRID, EM 18 DE MAIO DE 1907

(De um desenho de A. de Parys)

Chronica Occidental

Esta chonica é escripta na aldeia. Armo-me com um jornal, passo-lhe somnolentamente a vista, marco com umas cruzes os pontos capitaes, e, molhando a penna, disponho me para um bocado de rhetorica sobre os assumptos de maior monta.

Mas o Tejo corre serenamente, quasi sob as janellas da casa em que me hospeda a mais amavel das senhoras; as andorinhas muito alegres passam correndo, e, lá em baixo, oiço a chilreada alegre dos meus netos que a esta aldeia vieram buscar saude e maior belleza.

«A dictadura e as camaras municipaes... A Camara Municipal de Lisboa .. Os exercicios do estado maior...»

Eu bem o leio; a cruz de tinta negra ali me está dizendo qual a minha obrigação; os cinco linguados do estylo aqui se acham na minha frente promptos para o sacrificio; mas, apenas ergo os olhos, a enorme saphira que é o Tejo, engastoada nas areias de oiro que refulgem ao sol, põe-se-me a falar de tão diversas coisas, e, logo, logo ao principio da noite, hão de me os rouxinoes contar historias tão lindas no salgueiral, que a prosa classicamente vil das minhas chronicas me parece hoje coisa indigna para olhos que ja devem ter visto, encantados, o que estou admirando agora, para ouvidos que, alguma vez, se enlevaram nos cantos magicos de melros e tentilhões, de tutinegras e philomelas.

Estamos no mez dos Santos e já hontem ouvi por ahi falar no projecto de grandes fogueiras para a vespera de Santo Antonio. Falou se até mais do Santo Antonio que do Sr. João Franco, palavra d'honra, por muito que isto pareça incrivel ás livrarias da rua do Oiro e aos estancos do Chiado.

O pão meu de cada dia, duro e negro — mas que remedio senão rilhal-o? — era a politica, como o de quasi nós todos. Ella no americano, ella no trabalho, ella no passeio, ella ao jantar, ella em pesadelos á noite, ella mais tyrannica para cada um de nós em particular, ainda mais que para o paiz inteiro. Depois de tanto pão de rala pouco

digestivo, que admira esta ancia d'um copo d'agua fresca?

Protestam contra a dictadura, e percebe-se, a Camara Municipal de Lisboa, já agora dissolvida e substituida por uma commissão; mas, segundo vejo no jornal que tenho presente, ainda hontem da dictadura se tratou — somma e segue — em Alemquer, em Constancia, em Vizeu, na Guarda, em Montemór-o-Velho, em Taboa, em Murça e em Mesão Frio. *Fervet opus* por toda a parte e até parece que em Portugal, n'este momento, *opus* só tem como traducção *politica*. Talvez haja razões para isso, e ainda o meu *talvez* é uma cerimoniasinha. Mas as luctas politicas na provincia, o fogo com que são discutidas as determinações do governo, o enthusiasmo d'umas eleições, foram-me sempre motivo de espanto e nunca ao meu ponto de interrogação achei resposta completa.

N'esta mesma aldeia em que estou, houve, ha tempos, eleições renhidas e, ha poucos dias, em Lisboa, me esteve contando varias peripecias d'essa lucta o deputado vencido. Pois o Tejo devia de ser lindo como agora e haviam os trigaes de embalsamar os ares; haviam as ginjeiras de derrotar em riqueza os joalheiros do mundo inteiro e seria até maior a troça dos melros nos vallados.

Por detraz da ilha pequenina, aqui defronte, onde umas cabras andam pastando, tres velas vermelhas, triangulares, vão passando, subindo o rio, com a ajuda d'uma aragemsinha que, ha pouco, se levantou. Que trecho lindo de paisagem! Como estão verdes os salgueiros da outra margem, ainda tão cheios de ninhos! Que admira que estes passaros sejam poetas, se, mal abriram os olhos para a luz, viram o que o sol alumia de mais bello? Aquelles barqueiros fazem inveja. Manhãs de sol, noites de luar, são d'elles. Quem lhes ouvira o que vão dizendo!

E diz-me aqui um diabo ao ouvido que vão falando no sr. João Franco. E o peior é que o diabo deve ter razão.

Pois se eu quasi tinha jurado a mim mesmo que de politica nada diria, para descanço meu e dos meus leitores; se, todo enlevado com tanto azul, quasi me sentia capaz de sonhar com as tagides passando na Tapada, procurando ninhos nos freixos; se desde que sahi do tunnel em Campolide, me alegrei de ver searas muito mais bellas do que pensava, e milhos promettedores e arvores carregadinhas de fructos; se eu, de tão más relações com a politica, quasi só da politica tinha falado, porque me admiro que ella seja assumpto obrigado nos cavacos dos clubs e das boticas e até a bordo dos barcos de pesca a deslisarem Tejo acima?

E' ella, está visto, uma doença, que mudança d'ares não curam em Portugal. E o peor é que, se um bilhete tomarmos para Badajoz ou Valencia de Alcantara, nem talves do outro lado da fronteira, nos encontramos socegados, pois que os jornaes de Madrid teem ultimamente dedicado columnas e columnas á politica portugueza.

A questão mais grave que em Lisboa se descutia, quando a deixei, era ainda a dos estudantes. Nada de muito novo se deu de então para cá. Ainda não fecharam as matriculas em Coimbra. Diz-se que o sr. D. João de Alarcão deixará o logar de reitor da Universidade, logo que tudo tenha entrado na normalidade. O sr. dr. Pedro Martins, tendo declarado em congregação não poder responsabilisar-se pelos actos da sua cadeira, por insufficiencia de materias dadas, não fará parte de nenhum jury.

Mas a questão ainda não está terminada, e queira Deus não reserve algumas surprezas desagradaveis.

De theatros pouco se falava. A adjudicação do theatro de D. Maria á nova empreza, não deu as consequencias pouco naturaes que alguns previam. Os antigos societarios acceitaram as condições do decreto que concedia a exploração do theatro por tres annos ao offerente de maior quantia. Fosse esta concessão caminho, ainda que não dos mais direitos, para a exploração do theatro por conta do estado, como seria razoavel e justo e é feito em todas as terras onde a arte é considerada como elemento de civilisação e dos melhores.

A companhia hespanhola, que está funccionando no theatro de D. Amelia foi uma noite mal recebida por parte do publico, por se haver na vespera associado a uma ovação feita a S. Magestade a Rainha. Nada mais justo do que as explicações que por meio de carta aos jornaes de Lisboa foi dada por alguns actores.

Os animatographos é que continuam a funccionar pelos cantos todos, e, só na feira de Alcantara, não sei quantos. Não se lhes pode chamar praga, porque o publico diverte-se e os emprezarios enriquecem.

As toiradas continuam. Em Algés o celebre cavalleiro José Borges levou muita marrada por obrigação e não ficou atraz dos luctadores do Colyseu, que foram medir forças com os toiros na Praça do Campo Pequeno. Parece que os toiros sempre são mais brutos.

E eis o que ha. Cumprindo a obrigação, posso novamente volver os olhos para o Tejo, ir ouvir os pintasilgos e roubar umas nesperas ao pomar.

Os lavradores, que tanto se queixaram da continuada primavera que lhes deu cabo das favas, andam agora satisfeitos. São boas as searas de trigo. Queriam, agora para o S. João, uma pinga d'agua nos milhos. Fructas teremos nós com abundancia. Já com o pezo de alperces e pecegos ainda verdes vergam os ramos para o chão.

Quem não se queixa não o ouve Deus, e elles tanto se queixaram que Deus ouviu-os. E' um prazer vir por essas estradas abaixo, n'uma alameda de choupos, e olhar, para um e outro lado, os campos. Quem tal diria? Assim nos fossem todos os annos de fome.

E agora uma pequenina observação: O meu companheiro de fim de viagem, a respeito de politica. . nem palavra!

Um céo aberto.

João da Camara.

O nascimento e o batisado do Principe de Asturias, herdeiro do trono de Espanha

O titulo de Principe de Asturias anda vinculado ao herdeiro do trono de Espanha desde antigas épocas. As leis de Partida já consignam esse direito, porem, com verdade, não se póde afirmar que o Principado de Asturias existisse com efeito senão depois do reinado de D. João I, em que este monarca o estabeleceu definitivamente em Tordesillas a 3 de março de 1444, confirmado ainda por Henrique IV, que ordenou as villas e logares de Asturias de Oviedo constituissem o morgadio dos principes de Castella e de Leão, á similhança do delfinado em França, como textualmente se lê no manuscrito original existente no Archivo de Simancas.

Os rendimentos deste morgado constituiram a dotação do principe herdeiro ou á falta deste, aquelle mais chegado a que pertencesse a sucessão do trono, pratica que vinha desde os primeiros reis de Castella, que estabeleciam morgados com rendas suficientes para que seus sucessores podessem manter a sua casa com o estado e representação conveniente, até subirem ao trono.

Na actual dinastia espanhola, referindo-nos apenas á rainha D. Isabel II, avó de Afonso XIII, sendo considerada herdeira do trono a Infanta D. Maria Isabel Francisca de Assis, a esta foi dado o titulo de Princesa de Asturias, jurada em côrtes no anno de 1852. Cinco annos depois, a 28 de novembro de 1857, nascia o principe Affonso, pae do actual monarca, e declarado então herdeiro do trono a elle passou o titulo de Principe de Asturias, em substituição a sua irman, Infanta D. Maria Isabel.

Não teve D. Affonso XII, sucessão do seu primeiro matrimonio com D. Mercedes, passando, porem a segundas nupcias com a archiduquesa de Austria D. Maria Cristina de Haspburgo Lorena; deste consorcio nasceu a malograda princesa D. Maria Mercedes, que logo foi considerada herdeira do trono e por isso lhe coube o titulo de Princesa de Asturias, que conservou até á sua morte, occorrida o anno passado.

O actual rei de Espanha, filho postumo de D. Affonso XII, foi considerado desde a hora de seu nascimento rei de facto e de direito, e por isso não usou o titulo de Principe de Asturias, reinando sob a regencia de sua mãe a Rainha D. Maria Cristina.

Pelo falecimento da princesa D. Maria Mercedes passou a ser considerado herdeiro da corôa, seu filho o Infante D. Affonso Maria Leão Cristino, que nasceu em 30 de novembro de 1901, mas esperando-se a sucessão de D. Affonso XIII, não lhe foi oficialmente dado o titulo de Principe de Asturias.

* * *

No dia 10 de maio ultimo chegou finalmente para a Espanha a hora de ter um herdeiro ao trono, tão anciosamente esperado. Pelas dose horas e trinta minutos de aquelle dia, a rainha D. Victoria deu á luz um principe, com muita felecidade e ao nascimento do qual assistio lady R. H. Green, que veio expressamente de Londres a Madrid para aquelle fim.

Uma hora depois o rei D. Affonso, trazendo nas mãos, sobre uma bandeja de prata, seu filho recemnascido, apresentava-o ao ministerio e á côrte reunida na grande sala do palacio real, onde todos os presentes aclamaram o novo principe como o herdeiro da corôa.

* * *

O batisado realisou-se oito dias depois (18 de maio) na capela real do palacio, com a solemnidade propria do acto, a que assistiram toda a familia real e princesa Beatriz de Battenberg, os membros do governo, os grandes de Espanha, corpo diplomatico e os representantes do Papa e dos monarchas que haviam sido convidados para padrinhos, rei Eduardo VII, imperador Francisco José, imperador Guilherme II e rei D. Carlos I, que todos se fizeram representar por principes de suas casas, sendo o representante do rei de Portugal Sua Alteza o Infante D. Affonso.

A meio da capela real foi levantado um estrado e sobre este colocada a pia batismal de S. Domingos de Gosmão, sob um docel de seda bordado a oiro. Na ante-camara real, onde se reunio o cortejo antes de dar entrada na capela, estavam tres mesas doiradas e sobre estas sete bandeijas de oiro com as insignias do batismo.

O cortejo deu entrada na capela pela seguinte ordem: dois masseiros, gentis-homens, mordomos de semana, dois masseiros, dois reis de armas, os grandes de Espanha cobertos, o gentil-homem grande da côrte de serviço, dois reis d'armas, os representantes das côrtes estrangeiras, dois reis de armas, sete gentis-homens da camara levando as insignias do batismo, pela seguinte fórma: o primeiro, o saleiro e os algodões; o segundo, a touca; o terceiro, a bacia para lavar as mãos; o quarto, o jarro; o quinto, a toalha; o sexto, a vela; o setimo, o maçapão.

Ao colo da ama ia o Principe de Asturias acompanhado á direita por Monsenhor Ridaldini, padrinho representando Pio X e á esquerda a madrinha sua avó Rainha Cristina. Seguia-se o Rei Affonso XIII com toda a familia real, etc.

O sacramento do batismo foi ministrado pelo cardeal Sancha, arcebispo de Toledo e primaz das Espanhas, recebendo o neófito o nome de Affonso Pio Cristino Eduardo Francisco Guilherme Carlos Henrique Eugenio Fernando Antonio Venancio.

A seguir a este acto o cardeal arcebispo Sancha entuou solemne *Te Deum* que foi cantado pela musica da real camara.

Assim terminou a imponente ceremonia religiosa do batismo do Principe de Asturias, herdeiro da corôa de Espanha.

CANTO DOS ESPIRITOS NA AGUA

(Goethe)

Parece-se-nos a alma,
Com a agua:
Que nos desce do céo,
E depois se ergue p'ra o céo;
E sempre a subir, ou a descer,
N'esse eterno vae-vem,
De da terra, ou p'ra a terra,
Sumir-se, ou tender.

«Da rocha viva,
Do alto,
Do alto mana,
Limpido veio;
Em ondas se espraia, após,
Languidamente,
Na penedia;
Da terra, no seio,
E em doce murmurio,
Lá vae elle, assim,
Sumir-se, por fim

Mas surge a cascata,
Que prestes o arrasta,
Em o seu cataclysmo:
Irado, e espumante,
Aos tombos,
Se afunda no abysmo.

«Em brando pendor,
Desliza, depois, para o valle:
No espelho do lago,
Remira se, então, das estrellas,
O immenso extendal.

Da vaga, no pégo,
Ao erguer-se espumante,
Das ondas, ó vento,
E's tu querido amante.

«O' alma humana, és o mar!
Destino humano, és o vento!

Alexandre Fontes.

As Aguas de Entre-os-Rios

Se o leitor pertence ao numero de aquelles que fazem uso de aguas termaes ou pelo menos vão gosar nas suas estancias o ar das altitudes vivificador do organismo, e no remanso da montanha, em contacto com a virgem naturêsa, reparar as forças depauperadas na quotidiana luta da vida das cidades, não precisa hoje sahir de Portugal e procurar estancias estrangeiras para mais commoda e proveitosamente cuidar da saude.

Estamos, porém, a ouvir-lhe dizer que as nossas estancias de aguas não óferecem as mesmas commodidades e bem estar das estrangeiras, custando tanto ou mais dinheiro do que estas.

Assim seria até ha poucos annos, mas hoje, felizmente, o progresso, que em tudo vae fazendo seu caminho no pais, chegou tambem ás estancias de aguas transformando as completamente de modo a haver em Portugal estabelecimentos hidroterapicos que não invejam os lá de fóra, não só pela superioridade de suas aguas, como melhores as não ha no estrangeiro, mas ainda pelas commodidades, ordem, asseio, tudo, emfim, que os mais exigentes possam desejar.

Em o numero desses estabelecimentos está a Estancia Hidroterapica de Entre-os-Rios, com o seu Grande Hotel da Torre, situado nos planaltos das margens direitas do Douro e do Tamega, numa altitude consideravel acima do nivel do mar.

Melhor situação não ha para uma estancia de aguas.

«Rodeada de extensos pinhaes, circumdada dum bello parque, e sobranceira ás margens do pittoresco ribeiro do valle, a Estancia possue um *clima de montanha* dos mais suaves pela uniformidade das principaes condições metereologicas, pela altitude entre 200 e 500 metros, e pelas condições privilegiadas d'abrigo em que se encontra.

«A temperatura do verão affasta-se pouco da minima de 11° e da maxima de 25°. Ausencia de ventos fortes, céu quasi sempre descoberto, ar secco nos planaltos. Altitudes, como está dito, entre 200 e 500 metros; condições topographicas naturaes admiravelmente dispostas para a *cura pelo terreno* e para a gymnastica pulmonar natural; condições metereologicas provadamente excellentes para os asthmaticos e para os bronchiticos.

«Defronta-se com as montanhas d'Arouca por onde se desenham as margens formidavelmente escavadas do historico Paiva, fronteiro d'arabes e christãos dos tempos medievaes.

«Pelas alturas de *Sobrado de Paiva* e pelas serranias d'Arouca esta região alpina continua-se sem interrupção com o grande macisso central mais montanhoso do paiz até á Serra da Estrella.

«Banha a este immenso oceano d'ar, de sol e de luz. Ar e sol que batem ainda em sertões quasi desertos. Regiões de sonho, onde impera a natureza só, onde tudo recorda as eras primitivas da historia e até da geologia.

«Não ondeiam por alli nem os penachos das locomotivas nem os fumos das fabricas. Só por lá se ouvem as cantilenas dos pastôres, os cantos dos barqueiros, e os gritos selvagens das aguias e dos abutres, que fazem os seus ninhos nas penedias ciclopicas das margens abruptas do Paiva e do Douro.

«Não ha, pois, nada que vicie aquella atmosphera limpida, aquelle ar oxigenado e aromatisado por uma vegetação natural e simples e purificada por um sol admiravel.»

Assim se exprime o distinto medico sr. dr. Albino Baptista num opusculo que temos presente.

Se estas são as condições naturaes do local, que diremos do estabelecimento que hoje ali se ergue, construido pela Empresa, que ha cerca de 10 annos tomou conta da exploração de aquellas aguas, então quasi ignoradas no pais e fóra dêlle.

A' atividade e extraordinaria dedicação do sr. Augusto Candido Ramos, gerente da Empresa, se deve o grande desenvolvimento que esta estancia de aguas adquiriu nos ultimos annos, transformando completamente o antigo Hotel da Torre de modo que dêlle apenas existe o terreno.

E' do nosso collega *O Primeiro de Janeiro* a seguinte descripção dos ultimos melhoramentos realisados no Grande Hotel:

«N'aquelle terreno, onde se acaçapava modestamente, encolhidamente, o sombrio hotel com a sua cantaria enegrecida, ergue-se agora, altivo e radiante, um edificio amplo, grande, muito alegre na sua pintura côr de rosa, bem ventilado, bem arejado, com muita luz e muito oxigenio tonificante.

«O Grande Hotel da Torre, de que continuam sendo arrendatarios os srs. Avelino & Camanho, apresenta todos os annos melhoramentos importantes.

«Tendo augmentado o numero de quartos, podendo comportar cerca de 200 pessoas, era indispensavel augmentar tambem a sala de jantar e a cosinha. N'isto consistiram os melhoramentos d'este anno, que são deveras consideraveis.

«O salão de jantar foi ampliado, tendo sido para esse effeito inutilisados os quartos do corredor que partia da entrada do salão de baile, sendo inutilisada tambem a escada que dava para a cosinha.

«Ao fundo do salão de jantar, para o lado da rotunda que fica entre as duas alas do hotel, foram construidas uma *terrasse* e a escada que dá para a cosinha. O salão foi primorosamente pintado a «fresco» com tinta higienica Matolin, fornecida pela conhecida e conceituada casa dos srs. Braga & Pile, tinta que é recommendada pelas faculdades de medicina para ser usada como desinfectante. Artisticamente dispostas pelas paredes vêem-se magnificas platinotipias executadas nos acreditados *ateliers* da Fotografia Guedes.

«São esplendidos os vitraes d'algumas janellas e guarda-ventos, imitando rendas, fornecidos pela antiga Casa Alves, da rua de Sá da Bandeira.

«O salão de jantar ficou lindissimo com estes melhoramentos: muito amplo, muito elegante e arejado, com muita luz e asseio.

«A cosinha que, como acima dizemos, tambem soffreu importantes reformas, ficou mais ampla, mais alegre e com luz em abundancia.

«O mais notavel melhoramento é um grande fogão que ali foi collocado.

«As multiplices utilidades d'este fogão vão desde a culinaria á higiene, pois não só a cosinha é ali executada com todo o apuro e esmero, pela distribuição, intensidade e regularidade do fogo por meio dos registos automaticos, mas ainda a saude, pelo aquecimento, elevação e distribuição d'aguas por meio de apparelhos e cilindros aperfeiçoados, que fornecem agua quente para a cosinha, lavatorios, quartos e *water closets*.

«Tem ainda uma bifeira em feitio de persiana, onde se podem cozinhar bastantes bifes e em conformidade com o gosto do hospede.

«O estabelecimento balnear não soffreu alterações — porque não necessita d'ellas. Magnificamente installado, com todas as condições de asseio e higiene, com uma disposição adoptada nos melhores estabelecimentos similares do estrangeiro, ha ali serviço de banhos de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes; banhos de lodo; duches: serviço de inhalações, pulverisações, irrigações nasaes, etc.»

Com respeito á excelencia das aguas como agente terapeutico, diz o ilustre medico, diretor clinico da Estancia, sr. dr. Albino Baptista, no opusculo citado:

«Ha em Entre os-Rios-*Estancia da Torre* — quatro grupos de nascentes sulfurosas sodicas, que divergem pouco nos caracteres chimicos sommaticos, mas que possuem aptidões e qualidades therapeuticas muito diversas devendo therapeuticamente dividir-se em AGUAS D'USO INTERNO e AGUAS DE USO EXTERNO.

«Os quatro grupos são representados pelas seguintes nascentes:

1 — TORRE — NASCENTE NOBRE — uso interno.
2 — ARDIAS — uso externo ou uso interno.
3 — CASAS NOVAS — uso externo.
4 — CURVEIRA — uso externo.

«Os caracteres chimicos geraes de todas estas nascentes são — AGUAS SULPHYDRATADAS SODICAS MUITO SULFUROSAS, MUITO ALCALINAS, MUITO RICAS EM CARBONATOS E CHLORETOS ALCALINOS, E ALGUMAS MUITO ESTAVEIS.

«A sua caudal total é de 43 METROS CUBICOS por dia.

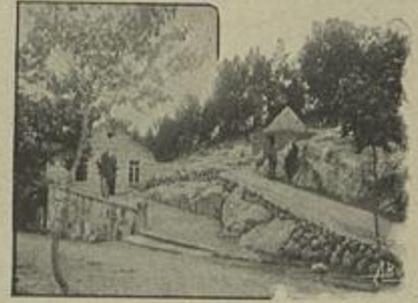
«CARACTERES CHIMICOS E THERAPEUTICOS do 1.º grupo é representado pela nascente da TORRE, que é qualitativamente a mais importante d'entre todas as conhecidas até hoje. E' esta nascente que deu o nome á Estancia e ás Aguas de Entre-os-Rios. E' a nascente da Torre que possue os *caracteristicos chimicos acima referidos em mais alto grau, não só entre as suas congeneres de Entre-os-Rios, mas tambem no paiz*, como é affirmado pelo respectivo technico chimico Conselheiro dr. Ferreira da Silva.

«Avulta n'ella ainda a caracteristica DA GRANDE ESTABILIDADE, facto já reconhecido dos antigos e ultimamente explicado e definido pelo mesmo analista. Eis os algarismos da analyse de 1896 que representa aquelles caracteristicos:

Sulfuração total (1)	$0^{gr},06263$
Alcalinidade absoluta expressa em carbonatos	$0^{gr},2116$
Alcalinidade absoluta expressa em $H^2 SO^4$	$0^{gr},1956$
Carbonatos alcalinos e alcalino-terrosos	$0^{gr},1674$
Chloretos, brometos, iodetos e sulfatos alcalinos	$0^{gr},1554$

«O que, dá á nascente da TORRE a superioridade para a therapeutica interna sobre as nascentes dos outros grupos *não é certamente* ALGUMAS MILIGRAMMAS OU ALGUMA CENTIGRAMMA a mais no pêso dos seus elementos chimicos. Taes differenças D'ALGUNS MILIGRAMMAS estão dentro do limite dos erros possiveis dos mais rigorosos ensaios.

....

«Esta nascente da TORRE é exclusivamente empregada nos serviços da ESPECIALIDADE THERAPEUTICA DE ESTANCIA, isto é, para engarrafamento, serviço de BUVETTE, e serviços d'Inhalações, Pulverisações e Irrigações.

VISTA GERAL DA NASCENTE DA TORRE

A sua caudal *invariavel* de 120 litros por hora é mais que sufficiente para taes fins.

«O 2.º grupo comprehende as nascentes das ARDIAS. E' sensivelmente inferior ao 1.º em sulfuração, mas approxima-se d'elle pela *Stabilidade*, que parece provir-lhe da natureza da rocha em que emerge, podendo portanto dar um 2.º typo de uso interno.

«Os grupos 3.º e 4.º comprehendem as nascentes das CASAS NOVAS e a de CURVEIRA.

«São caracterisadas therapeuticamente pela facilidade com que passam ás phases AMARELLA e BRANCA, fornecendo os banhos d'esta especie, tão preciosos em therapeutica externa.

«OS CARACTERES CHIMICOS GERAES do 3.º grupo eram, e mantem se com tendencia a subir, os seguintes:

Sulfuração total	$0^{gr},5579$
Alcalinidade absoluta em $H^2 SO^4$	$0^{gr},917$
Carbonatos alcalicos e alcalino terrosos	$0^{gr},1658$
Chloretos, brometos, iodetos e sulfatos alcalinos	$0^{gr},1408$

«Este grupo contém brometos e iodetos em quantidade ponderaveis.

«OS CARACTERES CHIMICOS da nascente de CURVEIRA, são:

Sulfuração total	$0^{gr},05636$
Alcalinidade expressa em carbonatos	$0^{gr},2018$
Alcalinidade expressa em $H^1 SO^4$	$0^{gr},1858$

«Estes tres ultimos grupos são exclusivamente destinados para uso externo — *para banhos e duches*.

«LODOS — Na Estancia ha em abundancia *lôdos naturaes*, colhidos na rocha onde no decorrer de tempos infinitos se formaram pela acção e deposição das aguas. São aproveitados no serviço de *banhos de lôdo* do Estabelecimento.»

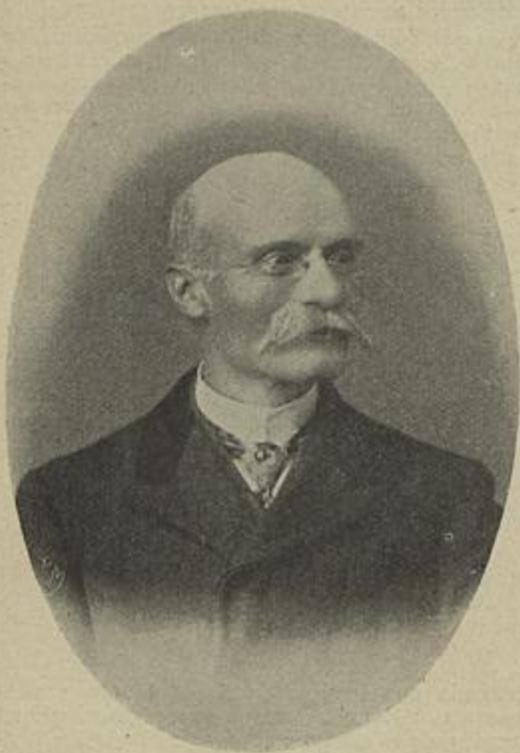
Pela breve exposição que se lê das qualidades quimicas destas aguas, vê-se que ellas são aplicaveis a todas as enfermidades que se tratam pela therapeutica de aguas termaes.

A Estancia de Aguas de Entre-os-Rios está a uns 36 kilometros da cidade do Porto, percorridos 25 kilometros pela linha ferrea do Douro até á estação de Cette, e desta 11 kilometros até ao Hotel da Torre, vencidos em uma hora e um quarto, fazendo-se a viagem em bons trens de aluguer a preços modicos ou nos carros de carreira, que chegam ao hotel ás 11 horas da manhan e ás 9 ½ da noite.

O caminho que de Cette conduz até ao Hotel da Torre, é dos mais bellos que se encontram naquella região, em que ora nos encanta a florescente paisagem do Minho, ora nos surprehende as alcantiladas ribas das margens do Douro, imponentes, magestosas.

De tudo encontra o viajante que procura o imprevisto, desde a risonha paisagem até á imponente natureza, e por entre isto um ou outro monumento de antigas eras, que são paginas da historia escritas naquellas vetustas pedras seculares.

(1) As rectificações da alcalinidade e da sulfuração que n'estes ultimos dois annos se tem feito (Dr. Ferreira da Silva) tem sempre revelado uma sulfuração mais elevada, variando as medias dos ensaios rigorosos realisados, entre $0^{gr},0628$.
(163 c. c. e 161,2 c. c. de J $\frac{n}{100}$ por litro.)

As Aguas de Entre-os-Rios

Dr. Albino Baptista
Dirétor clinico

Queda de agua do ribeiro no Parque

Augusto Candido Ramos
Gerente da Empresa

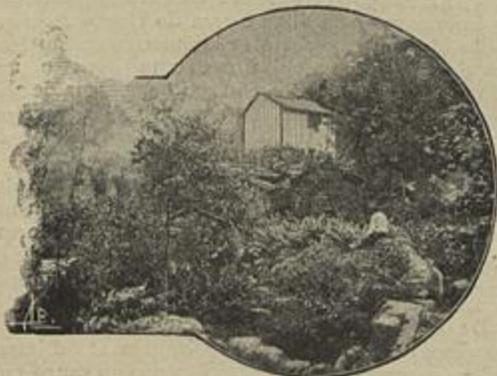
Trecho de estrada

Ravina das Ardias

Barco rabèllo no Douro

A concorrencia de aquistas, que de anno para anno vae afluindo á Estancia de Entre-osRios, é a prova mais positiva do bem estar que ali encontram e dos beneficios que recolhem das suas aguas. Temos presente uma extensa lista de nomes de clientes e visitantes, copiada do livro que nesta estancia assignaram, que confirma plenamente o que acabamos de escrever, e se fôramos a relatar esses nomes, o que nos levaria longe, muitos seriam conhecidos dos leitores, como o são nossos, e nelles encontrariam os de pessoas de elevadas posições sociaes, na aristocracia, na ciencia, nas artes, no comercio, etc.

Folgamos de poder aqui registar a prosperidade da Estancia de Aguas de Entre-os-Rios, como folgamos sempre em registar todos os progressos que se vão realisando neste abençoado país, ao qual só tem faltado iniciativas e átividade para bem aproveitar e desenvolver as riquêsas com que a Providencia o dotou.

Temos tudo de casa, não precisamos recorrer ao estrangeiro, e sem nos intrincheirarmos num patriotismo feroz, saibamos, contudo, aproveitar o que é nosso, para não continuarmos a ser um povo explorado por estranhos, e tido na conta de inepto e ignorante.

Moinho no ribeiro do valle

Vista geral do Grande Hotel da Torre

Monumento ao Dr. Barahona, em Evora

Evora, a antiquissima cidade monumental da provincia do Alemtejo, que só por si constitue um monumento de archeologia, berço de tantos varões ilustres, não quís deixar sem publico testemunho de sua gratidão, a memoria de um dos cidadãos, a quem maiores beneficios deve, nos modernos tempos, o dr. Francisco Barahona, levantando-lhe um monumento.

Para este fim organisou-se uma commissão, presidida pelo sr. dr. Campos Ennes, para angariar donativos, afim de se levar á pratica o referido monumento, para o qual foi destinada a verba de réis 3:500$000.

A commissão abriu um concurso entre artistas nacionaes, para a apresentação de projétos do monumento, dentro da verba ao mesmo destinada, e estabeleceu um premio de 100$000 réis ao projéto classificado em primeiro logar, e outro de 50$000 réis ao segundo classificado.

Concorreram varios artistas, que todos mais ou menos se distinguiram nos projétos apresentados e que estiveram expostos a publico na Academia de Bellas Artes de Lisboa, onde foram examinados pelo juri, composto dos srs. Vilardebó, delegado da commissão, Gabriel Pereira, José Luiz Monteiro, arquiteto, A.' A. da Costa Motta e José Simões de Almeida Junior, esculptores, este ultimo professor e diretor da Academia de Bellas Artes de Lisboa.

O juri conferio o primeiro premio (100$000 réis) ao projéto do srs. Alfredo Costa Campos, arquiteto, e Simões de Almeida (sobrinho), esculptor, e o segundo (50$000 réis) ao sr. Costa Motta (sobrinho), sendo conferido a mais quatro projétos restantes, mensões honrosas.

A limitada verba de réis 3:500$000 destinada ao monumento, não permitiu, é claro, que os concorrentes se alargassem nos projétos, tendo de restringir-se a um pedestal mais ou menos decorado, com o busto, que deverá ser fundido em bronse.

Entretanto nos seis projétos que concorreram, quatro apresentavam figuras decorativas no pedestal, no que seus autores tinham mais em mente o amor da arte, do que os seus proprios interesses materiaes.

Basta passar ligeira vista pelo projéto premiado e é o que vae ser construido, e reprodusimos em gravura nesta pagina, para confirmar o que deixamos dito.

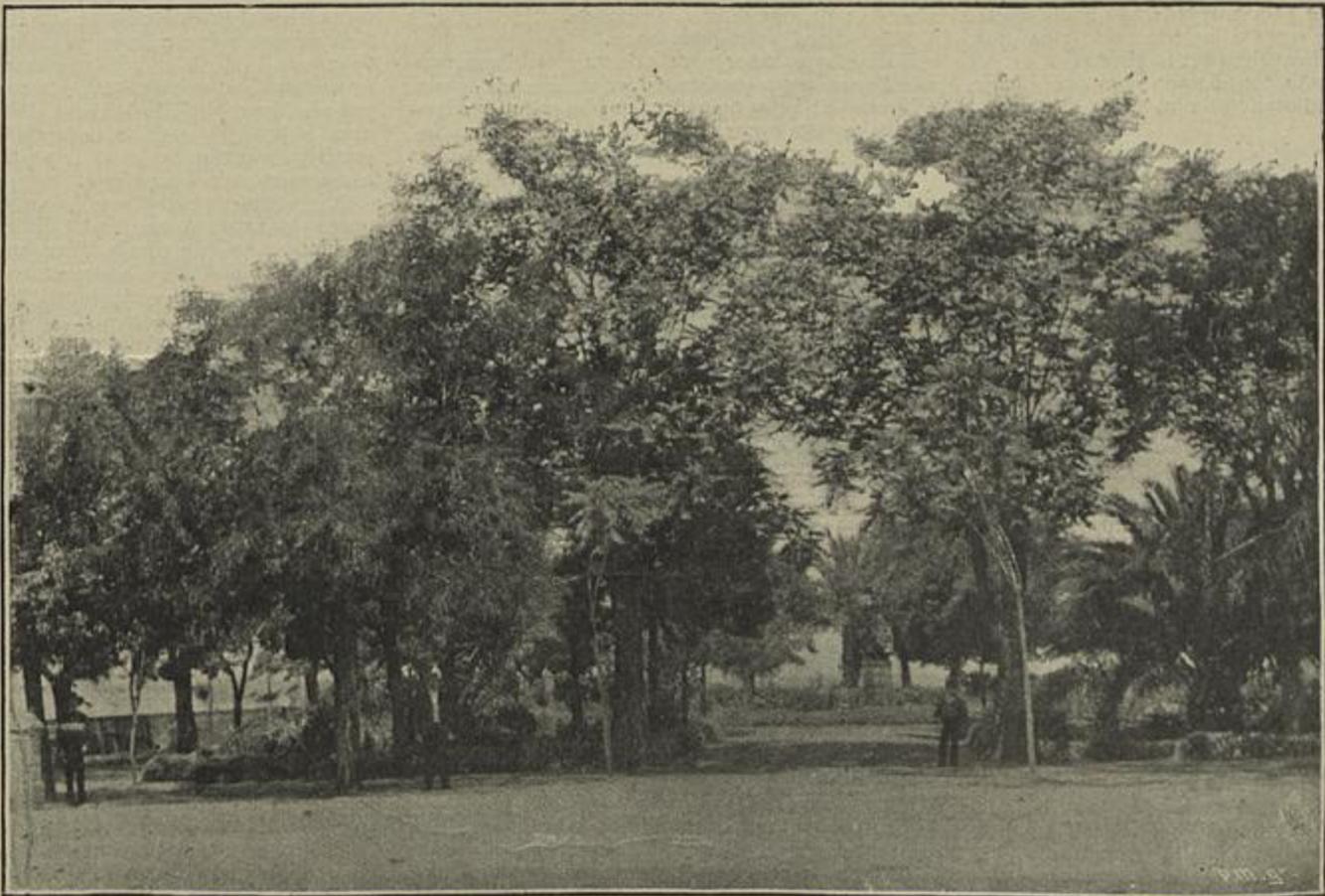
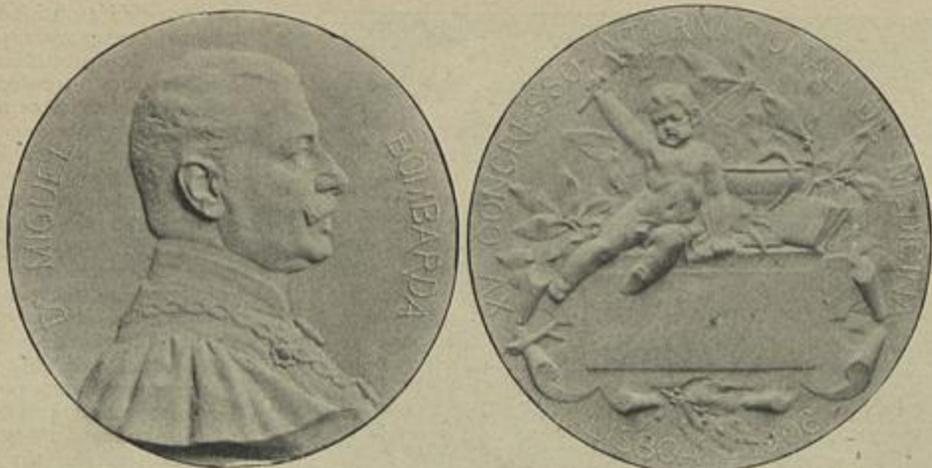
E' este projéto, como se diz acima, do arquiteto sr. Alfredo Costa Campos, artista já vantajosamente conhecido por seus trabalhos, e que mais uma vez afirmou sua competencia, nas boas regras arquitetonicas e elegancia com que traçou o pedestal sobre que deve assentar o busto do dr. Barahona, que forma o monumento.

Simões de Almeida (sobrinho) é tambem outro artista que vae firmando seus creditos com obras de incontestavel merecimento, que o publico tem tido ocasião de apreciar nas exposições de arte destes ultimos annos.

Um dos trabalhos que muito o honra é a medalha que modelou e que, reprodusida em oiro, foi óferecida ao sr. dr. Bombarda por uma commissão de medicos, em homenagem pelos serviços

Simões de Almeida (Sobrinho) — *Esculptor*

Alfredo Costa Campos — *Arquiteto*

O Projeto do monumento ao dr. Francisco Barahona
Primeiro premio

Jardim de Evora, onde vae ser collocado o monumento ao Dr. Francisco Barahona
(Fotografia do sr. C. Caeiro Polido Junior)

MEDALHA OFERECIDA AO SR. DR. BOMBARDA POR UMA COMMISSÃO DE MEDICOS
Modelada por Simões de Almeida (Sobrinho)

prestados por este homem de ciencia, no ultimo congresso de medicina que reuniu em Lisboa o anno passado.

Esta medalha, de que apresentamos aqui uma reproducção em gravura, é uma verdadeira obra de arte, como só um esculptor poderia fazer, de correttissima modelação, e de uma composição feliz.

Não menos feliz é a bella figura, que na base do monumento, de que vimos tratando, representa a cidade de Evora agradecida. Estamos certos que, tanto a execução desta figura como a do busto do dr. Barahona, virão confirmar os creditos do novel artista, de que é garantia os seus trabalhos precedentes.

Evora ficará assim com mais um monumento de arte a embelesar o jardim, junto ao templo de Diana, onde vae ser colocado.

O romantismo em Portugal

Não vimos no proposito de historiar o Romantismo como phase das litteraturas cultas proximo passada.

Seria reproduzir pela milesima vez o que novecentas e noventa e nove vezes foi dito e redito, ou bem ou mal.

Queremos mostrar ao leitor um horizonte que talvez o seu amor pela novidade não tenha ainda descortinado por entre o largo e vario meio dos conhecimentos e investigações modernas.

E' o Romantismo considerado como um factor responsavel da idiosyncrasia morbida do nosso povo.

O Romantismo não é um symbolo que nos sugira uma ideia revolucionaria e avassaladora, espalhada por uma escola ou seita; mas um agregado de manifestações psychicas, — os phenomenos da tendencia litteraria de um seculo —, que invadiu os povos mais adeantados em civilisação e predipostos ao sentimentalismo.

Cada um tomava a dose na razão directa da sua irascibilidade de imaginação.

Portugal — o scismador das praias do Atlantico — foi facilmente levado n'essa corrente que era affim do seu temperamento amoroso, fatalista e doentio.

Apreciando, sobre as frias realidades da vida, uma lagrima n'um verso, uma paixão exagerada nos romances da epocha, uma canção amorosa e piegas, — habituou-se ao pessimismo; porque o mundo era tão positivo que ria dos platonicos sonhos d'amor, que só podiam ter no ceu um arremedo de realisação, e elle não tinha forças para reagir.

Não que tudo aquillo para que sentia grande aspiração fosse uma injustiça pedida á fortuna e a Deus; mas porque não devia, nem podia, gosar unicamente o espirito; o corpo precisava de alimento que não davam as estrellas fitadas melancolicamente, os luares apanhados em cheio a contemplar as janellas da *«mais amada que tudo»* e era forçoso ganha-lo com o suor do rosto.

O espirito portuguez, mais impressionavel que uma folha de sensitiva, bebia em promptos haustos a dôr alheia e entregava-se ao desespero da sua resultante, á meditação profunda e prolongada dos infortunios do proximo — como seus, e mais lagrimas e desventuras e injustiças escriptas, eram o condimento das poucas horas folgadas.

A imaginação de cada um parecia querer concretisar as aspirações das personagens imaginadas e reproduzidas e tornar-se o vivo heroe das aventuras cavalheirosas.

Para o portuguez, um romance (era, e ainda é, infelizmente) a veridica historia de almas innocentes, justas e boas, perseguidas até ao ceu por seus implacaveis inimigos.

Quando, afinal, se o papel só aceitasse a verdade apenas uma terça parte do que ha, existiria escripto.

Os olhos molhados de enternecimento, pareciam não poder dar vazão em dias de vida á ultima das lagrimas provocadas.

Quantos suspiros quantas maguas engasgalhadas nos dedos e nos fios da bretanha dos seus lenços das mãos! Um rosario sem pontas! E, afinal, tudo... para nada!

A' força de uso d'aquelles breviarios de todos os dias, despresaram-se as aventuras epicas que deram gloria a uma nação e ao mundo, e a ideia de imitar os heroes quixotescos, brutos e fanaticos — mas simplesmente bons — incute-se gradual e insensivelmente.

Nós estamos na convicção plenissima de que a indifferença e a molleza que nos subjugam e abatem são os resultados logicos do uso excessivo dos romances sentimentaes até ao exagero.

Mais convictos estamos ainda de que o suicidio em Portugal é filho do Romantismo.

Tambem, não ha nega-lo. Suicida-se por amores mal correspondidos, á mistura com outras desilusões da vida, por tudo... por nada.

E'-se agora muito mais fraco.

Falta-nos o vigor para a lucta quotidiana; um *não* ás nossas pretensões e desejos, é ferida aberta e insanavel; entra comnosco um desanimo que corrompe e gasta e nos leva a julgar os entes mais infelizes do mundo.

O unico remedio que encontramos mais á mão é um revolver ou um toxico, como se viu resolver as difficuldades da vida, n'este, n'aquelle, n'aquel-l'outro e em centenas de romances que a phantasia fez escrever mas aos quaes a verdade não poderia assignar um unico capitulo.

Dizei-me: eram assim os nossos velhos navegadores e guerreiros, fortes como aço, honra da patria e admiração do mundo, até esta epocha?

Pois bem mais razão teria Vasco da Gama com o desgosto da conspiração dos pilotos (para não citar as mil outras contrariedades de tão longas e difficeis jornadas) do que essa legião sem numero das victimas d'um sentimentalismo enervador e mortal.

Bem mais razão teria Camões e outros grandes vultos que foram os ridiculos da justiça e da fortuna.

Hoje é o que se vê.

Esgotadas as preciosas energias para um trabalho sadio e honesto, adoece o corpo com o espirito e, indolentemente, deixamos *«correr o marfim»* até que o calice dos soffrimentos (que é sempre menos fundo que um dedal) se enche e transborda para a desgraça.

D'aqui um desiquilibrio moral de pessimas consequencias.

Chega a ser endemico.

Não ha meio de lhe sermos superiores, de o afastarmos para sempre.

Todavia, a culpa é dos primeiros: — *causa causæ est causa causati,*

Substiste então a virtude da causa na força do effeito.

O nosso mal está, portanto, na educação.

Logo de pequenos nos habituam ao phantastico, sobrenatural e terrorista; de modo que quando somos homens temos já os nervos frouxos e impotentes para resistir ao mal, que entrevimos, para peor desgraça.

Os nossos mestres, mudos e fallantes, acostumam-nos a ver o mundo por um phantasioso optimismo que fica muito longe da realidade.

Depois, a platonica justiça e direito, ouvidos á sombra das cathedras distantes do mundo — pessoas e factos —, fazem-nos, ao contacto com o positivismo da vida, irreflectidos, exagerados e grotescos; ao passo que a nossa consciencia, refalsada por intrujões, ignorantes e fanaticos, grita-nos em nauseas, rancorosamente: — a sociedade é podridão!

Sentimo-nos então sós e unicos no nosso altruismo e justiça mal entendidos, com o grande ideial ferido de endireitar o mundo.

Educados por doentes egualmente descendentes de outros, tornamo-nos naturalmente herdeiros de uma degenerescencia mental, de uma anomalia pathologica — a excessiva emotividade — que leva ao desiquilibrio e nos impelle aos excessos.

Talvez se fossemos mais fleugmaticos fossemos ao mesmo tempo mais coherentes.

Assim, o mais leve choque com os nossos sentimentos, faz-nos perder a serenidade; tudo em nós — nervos, fibras e sangue — se perturba e anormalisa de modo que os juizos saem tão desconexos e imperfeitos como de verdadeiros psychopathas.

Os poetas (salvas as excepções do genio e do talento, que afinal são tambem doenças) carregam-se de sentimentalismo até á saturação e parecem Job sobre as ruinas da Jerusalem santa, choramingando o sol, a lua, as estrellas, o ceu, a terra, o mar, e, sobre tudo, a mulher e o amor. E' soneto sobre soneto, falhos de ideiaes fertilisadores e sadios; a mulher mais alta que a lua, a lua acima do sol, o sol para lá de Urano uns poucos de myriametros e elles depois... no reino dos ceus porque são pobres d'espirito.

E' assim que, entre nós, o Romantismo se tem demorado tanto, já velho e gasto, ao passo que n'outros paizes o Naturalismo caminha em pleno dia. Tambem, se outros hão de ir detraz. Se todos fossem na vanguarda faltariam os estimulos e... nem mesmo tinha graça.

Em Portugal tem havido poucos que leiam; mas estes, lêem muito.

Em cada lar, ao menos um que lê e todos ouvem.

Lembro-me, ainda que vagamente, d'um facto que presenciei em creança. Ao serão, em casa d'um amigo ainda fallecido ha pouco, tudo escutava religiosamente a Annita que lia uma passagem d'um romance maçudo e tetrico. A mãe, que se revia n'ella — o ai Jesus da casa — não a desfitava um momento; cara sobre o lenço que a mão direita guardava para a sobrevertedura dos humores lacrimaes provocados, e a esquerda sobre o joelho encurvado sob o cotovello direito; dobrado o corpo para a brazeira que lhes aquecia os pés fazendo sentir mais o frio das costas e sentada n'uma poltrona encourada á medieval.

O pae, braços cruzados sobre o peito saliente, a perna esquerda a cavallo na direita, o olhar fixo no lume, tanto se poderia dizer attento á leitura como se longe d'elle o pensamento.

As tias pareciam ter sido petrificadas instantaneamente, no auge de uma forte dôr de dentes.

Todos os ouvintes, de aspecto tragico, conservavam a testa n'um arrepio constante. Pareciam esperar, presa a respiração, a leitura de uma terrivel sentença que viesse perde-los irremediavelmente.

O caso é que a certa altura da historia já a mãe fungava, com o lenço a beber as lagrimas; o pae baixava a cabeça, e, apezar de homem, lá limpava tambem uma rebelde á cota da mão; e as tias e convidados gemiam surda e afogadamente, de parceria, abafando uns um suspiro e assoando outros o nariz, que é sempre testemunha e reu forçado d'estas tragedias molhadas.

Quem n'uma paz de consciencia estava ha muito alheiada de tudo aquillo, era a creada — a Maria — (uma mocetona beiroa de carnes morenas mas capazes de tentar um santo) que toda a santa noite levára a cabecear, resmungando de vez em quando em baixo tremido, tendo a lingua em vibração com a respiração nazal, altêrnada com o asthmar do gato que lhe dormia enroscado no regaço.

Adormecera talvez a pensar no horroroso assassinio de alguma dama gentil e bondosa, ou no rapto audacioso e cruel de alguma creança loura e rosada, para martyrio dos pobres paes que se advinha logo virem a enlouquecer de dôr.

Ora, vae n'este quadro traçado a largas pincela-

das, a nota de decadencia impressa pelo Romantismo.

Os filhos e os netos continuam sempre molles, de animo fraco, irascivel, perturbado por vãos temores, degenerados de alcoolicos do sentimento.

Os herdeiros forçados de empestados romanticos, histericos e fanaticos, não apparecem em todas as gerações, mas intermittentemente, de duas em duas, por exemplo; como se a natureza quizesse fazer perder o fio que conduz á causa de tantos desiquilibrados e os quizesse mostrar como contrahentes directos d'essas anomalias cerebraes, que a sciencia, apezar de tudo, ainda não apresentou perfeitamente estudadas.

Como o mal é d'origem, o unico anodino que encontro para elle, (porque a cura radical é impossivel, para já) é o uso continuado de uma forte solução de resignação nos infortunios, e o tempo, que tudo leva e tudo traz.

Tudo se romantisou; a tudo se deu uma feição dramatica.

Como os tempos mudam!

Antes, pediam-se contas de um adulterio, por exemplo, muito mais racionalmente, embora com menos complicado cerimonial: — a murro portuguez. Hoje, o marido (que sempre sabe d'estas coisas tarde e ás más horas) quando dá por tal, vae ao encontro da mulher, cruza os braços, recua dois passos, e tragicamente emproado, diz: — «Senhora, que fizestes da minha e vossa honra, do socego d'este lar que eu julgava inacessivel ás paixões que podiam manchar os nossos pergaminhos de familia? Se sois infiel que esperaes de mim?»

Depois, lagrimas, perdões, juramentos novos, abraços demorados de reconciliação, beijos...

Afinal, theatro.

Se descerdes ao fundo de tudo isto ou se subirdes a sua causa lá encontrareis sempre o Romantismo.

Eu tenho para mim que metade dos vencidos da vida a elle devem a sua queda, deixando triumphantes pequenos obstaculos, que, se os houvessem vencido nem seriam motivos de orgulho para ninguem.

José Boavida Portugal.

TUBERCULOSE

(Concluido do numero antecedente)

II

Impõe-se aos governos uma interferencia tenacissima na luta contra a espansibilidade homicida da tuberculose.

Os sanatorios e a apostolica boa vontade das almas de caridade ardente, não bastam, isolando-se na iniciativa particular.

A propria ação daqueles se anula perante a manutenção social das mesmas causas, preparadoras do terreno mais conveniente á aparição e desenvolvimento da molestia, a miseria, e a ignorancia.

Em verdade, qual é o significado positivo dum sanatorio, desde que os doentes que nêle alcançam a cura voltam para o meio, abundantemente inquinado, onde haviam contraido a molestia e no qual continuam a permanecer as duas causas apontadas?!

Melhorar as condições da instrução, contribuir para o maior valimento dos seus elementos essenciaes de propaganda, comprovar pelo exemplo individual pratico o alto empenho de ensino, tudo isto, deveras na atribuição dos depositarios do poder, é compativel egualmente com o esforço exclusivo e nobre das colétividades particulares e dos opulentos dedicados á causa da instrução.

Pertence aos governantes, é função politica a êles inerente provêr na ciencie economica e nos sistêmas de contribuições.

Ora, conhecida a tuberculose e sabendo-se que a falta de alimentação enfraquece o organismo, predispondo-o para o bacilo, examinando e analisando as diferentes contribuições que sobrecarregam os povos uma, principalmente, impressiona o espirito e perturba a rasão, — o imposto de consumo!

O imposto de consumo, triste invenção de gente despida do afêto humano e adormecida para os estimulos do dever na compreensão nitida da dignidade e do direito á vida, que a todos assiste, o imposto de consumo, com justiça verberado e condenado no tribunal das consciencias esclarecidas e imparciaes, quantas vezes não terá sido origem de lagrimas angustiosas e de investidas triunfantes da tuberculose?!

E' de molde para aqui, a seguinte passagem duma primorosa memoria intitulada — *O Abastecimento das Carnes na capital* — impressa em 1900 pela Companhia Typographica: «a meiados do seculo passado, quando os destinos de Portugal se fiavam do ferreo pulso de um ministro que fundia num mesmo cadinho o absoluto imperio dos principios que são esteio ás leis, e a indiscutivel supremacia do regio poder que as promulgava, escreviam-se no preambulo de um simples alvará (de 12 de maio de 1769) as seguintes notaveis affirmativas: «E porquanto, ainda que as leis humanas se firmem em principios geraes, sem contemplação de circumstancias particulares, que respeitem ás pessoas, aos logares e aos tempos, accommodando-se aos mais frequentes acontecimentos, não podem prevêr os casos extraordinarios, e o mais que vae descobrindo a sua observancia, de cuja jurisprudencia resulta a necessidade de se ampliarem, restringirem, declararem ou interpretarem, segundo a occorrencia dos casos e tempos, sendo sempre privativa dos legisladores supremos esta faculdade...»

Pois bem, tudo que nós podemos mais ardentemente desejar como portuguezes e solicitos representantes da Cidade de Lisboa, zelosos administradores e promotores de seus interesses, é que esta doutrina, affirmada n'um tempo em que a nação portugueza estava bem longe ainda de saber o que é a verdadeira liberdade, — a liberdade que que tem deveres a observar, mas que tem por egual, tambem, direitos a fazer valer; — que esta doutrina, dizemos, cale no espirito providente de nossos liberaes ministros, para ahi lhe acordar um convencimento. que deverá ser sua constante preoccupação de todos os instantes; — que a nação portugueza, não Lisboa só, que Lisboa é apenas a capital do reino, a cabeça d'este corpo onde circula o mesmo sangue irmão, as mesmas necessidades, as mesmas aspirações, os mesmos deveres, é verdade, os mesmos direitos tambem! — que a nação inteira precisa que o governo que a administra se lembre, a todas as horas, a todos os momentos, que — as leis humanas, por isso mesmo que se firmam em principios geraes, sem contemplação de circumstancias particulares, não podem prevêr os casos extraordinarios, e o mais que vae descobrindo a sua observancia, — e que, portanto, assim como em toda a occasião são susceptiveis de se ampliarem, segundo a occorrencia dos casos e dos tempos, por egual estão sempre no caso de serem substituidas por outras que melhor respondam á opportunidade das circumstancias e ás necessidades dos povos que de suas determinações dependem.

E como é aos legisladores supremos que a faculdade de as substituir, de as melhorar, de as promulgar e de as *abolir* está commettida, precisa a nação portugueza inteira que aquelles que teem missão de attendel a e de promover-lhe o maior numero de regalias, dentro da orbita soberana dos principios, e da legal da governação publica, co mecem a pensar afincadamente no modo de a livrarem para todo o sempre d'esse ominoso tributo, herança de seculos de inepta administração, que se chama *imposto de consumo!*»

Resta saber, se a abolição pura e simples do vexatorio, bestial e crudelissimo *imposto*, importa ria numa imediata melhora de mantença nos lares das classes pobres.

Similhante abolição, só por si, deixaria de converter-se em beneficio dos necessitados, não sendo acompanhada de providencias conducentes a impedir abusos de especuladores deshumanos e a estabelecer anualmente ponderadas tabelas de regularisação de preços.

Sem esta cautéla, teria plena liberdade para mil emprêsas de monopolio dos generos de primeira necessidade, a avara sordidez de tantos proprietarios de estabelecimentos onde, sem embargo dos regulamentos fiscaes sanitarios, impéra o artificio criminoso, e são vendidos ao publico mistiforios indijéstos, que provocam não só o alastramento das enfermidades predominantes, mas apressam mais a espantosa dejenerescencia, que rematará por eliminar-nos da face do planeta.

Quem não vacila e treme ao envenenar quem lhe paga, muito menos vacilará e tremerá conluiar para conservar altos os preços dos supostos vinhos, das falsificadas farinhas e de todos os demais artigos indispensaveis.

E como não ha de vingar a tuberculose, num meio desta especie, báratro imenso, insondavel, que denuncia maldade e fraqueza em todas as direções?!

Importa persistir na insistente exigencia aos poderes publicos, da abolição do imposto de consumo e do do real de agua, seu equivalente fóra das localidades em que vigóram barreiras, mas cumpre exijir ao mesmo tempo medidas tendentes a prevenir quaesquer explorações de ganancia inconfessavel, suscetiveis e capazes de prejudicar na pratica os bons efeitos espera dos da abolição desejada.

E' grave e melindrosa a existencia quotidiana das classes trabalhadoras, muito incertas do seu destino.

A tuberculose dá-lhes a preferencia para ahi as sentar os seus arraiaes e banquetear a morte com lauto estrondo.

Prosegue a hecatombe hedionda, nenhum receio ha de que venham a faltar vitimas; e em quanto a festa dura, alimentando-a o hino da cova, os taverneiros invocam o imposto de consumo e de real de agua para coonestar o preço irrisorio do liquido julgado indispensavel pela ignorancia do «proletario» e os sobranceiros da industria, refocilados nas fôfas cadeiras dos seus escritorios, preparam para premio de consolação a tantissimo penar e a taes grandissimas amarguras o tardio generoso instrumento das ultimas vontades!

Béla, estupenda e maravilhosa generosidade póstuma! — pelo condão da imprensa nimba de virtudes o que só foi vaidade, e faz esquecer a serie de tropelias e de atentados que explicariam a fortuna opulenta dos seus autôres, se se inquirisse com escrupulo a seu respeito, na hipotese de ser possivel inquirir, pois, de ordinario, êles sabem sepultar o segredo de origem do seu oiro com tal arte e carinho que nem vestigios perduram para base de libelo.

Entretanto, oriente-se cada individuo pela sua propria moral, e fique do lejitimo apreço da consciencia o que não sae do fôro interno, tanto mais quanto é certo não haver organismo de homem perfeitamente imúne diante da tuberculose.

Com os governos, muda o caso de figura: compete-lhes, como dirigentes dos povos, o suprêmo aprumo das responsabilidades; e, se, muito mais agradavel se lhes apresenta o oficio de consiliar e harmonisar, nem por isso lhes aproveita como desculpa o excesso de brandura nas horas em que a intransigencia energica se impõe em nome do povo!

«Salus populi suprêma lex»

Nunca teve esta maxima tão oportuno ensejo de ser lembrada aos dirijentes dos Estados como na epoca presente, epoca assinalada em tudo pela feroz tuberculose, nos seus dois elementos de devastação, — o fisico ou organico, e o moral.

D. Francisco de Noronha.

AS MINHAS RAZÕES

JOÃO CHAGAS

Edição da Livraria Central de Gomes de Carvalho, Lisboa

Li em uma das ultimas cronicas publicadas no *Primeiro de Janeiro* por João Chagas sob o titulo *As minhas razões*, que «as crises politicas que não se resolvem, acabam por paralisar toda a actividade intelectual, empenhando-a exclusivamente na politica.» Eu li isto precisamente na ocasião que pensava em agradecer a João Chagas o volume que me mandou, *As minhas razões*, ha já um bom par de mezes — em fevereiro, pelo que leio na dedicatoria — e então monóloguei: aqui tenho uma bella ideia para aventurar uma desculpa da falta em que estou para com João Chagas, mas.. a breve trecho reflêti, não: seria menos verdadeiro e sincero se tal dissesse; A crise politica não me tem preocupado tanto, que me absorvesse exclusivamente toda a minha actividade intelectual; o muito e muito trabalho que me rodeia é que me absorve todo o tempo, que me não chega, e me constrange a cometer faltas como esta e outras de que afinal tenho de penitenciar-me.

Eu disse que tinha lido em uma das ultimas cronicas publicadas no *Primeiro de Janeiro* por João Chagas, aquelle seu conceito sobre a crise politica, e disse a verdade, porque não só li aquella cronica como leio todas as que João Chagas tem publicado no jornal portuense.

Por mais atarefado que esteja, assim que recebo o *Primeiro de Janeiro*, sempre divago uns minutos pelas *Minhas razões*, e muita vez fico ainda a pensar nos acêrtos que lhe encontro e me calam no animo, como em geral, hão-de calar no animo de muita gente.

Mas se os acêrtos de *As minhas razões* envolvem critica profunda aos factos ocorridos, interpretados mais ou menos imprevistamente e quasi sempre com justiça, a forma por que João Chagas nos resvela o que pensa arrespeito desses factos, é que constitue o verdadeiro atrátivo da sua leitura. Forma pura e simples, despretenciosa, natural, corrente como a agua do rio e como esta respirando saude, bom humor, alegria.

Eu sou, como disse, um dos leitores das suas palestras — como elle lhe chama — de todos os dias, no *Primeiro de Janeiro*, e por isso

já conhecia o livro em que João Chagas englobou essas palestras de seis mêses, — janeiro a Junho de 1906 — que são como que uma revista semestral, do que durante esse tempo se passou na politica, na ciencia ou na arte, na literatura, na vida emfim, e que mais impressionou o seu espirito e lhe sugerio sua critica, independente, por vezes paradoxal, mas sempre sensata.

Elle diz-nos o que pensa das coisas e dil-o por fórma inconfundivel, sua, original, que nos faz lembrar Guilherme de Azevedo, o poeta da *Alma Nova*, cuja forma literaria das suas cronicas, era tambem inimitavel, de graça, de ironia e de conceito.

Isto dá a João Chagas um logar distinto na imprensa portuguêsa, e aqui o destinto não se tome á conta de um adjetivo banal, essa destincão é real, positiva, como não pode deixar de ser, tratando-se de um espirito tão finamente observador como o dêlle, e que tão independente como arrojadamente vem dizer ao publico o que pensa do que observou, numa época em que, em geral, se diz o contrario do que se pensa.

Se o leitor tem lido como eu *As minhas razões*, conhecerá a justiça destas palavras; se as não leu, procure o livro e dará razão ao que deixo dito.

CAETANO ALBERTO.

Projeto para a cadeia da Villa de Cintra

Da serie de melhoramentos intentados pela Camara Municipal de Cintra, para commodidade, higiene e embelesamento daquella formosa estancia, e a que nos temos, por mais de uma vez referido nesta revista, faz parte o edificio de uma nova cadeia, para substituir a antiga de asqueroso aspéto, que ainda hoje se patenteia no centro da villa, aos olhos dos seus habitantes e a quantos visitam aquelle *golorious Eden*, no dizer de lord Biron.

Cintra faz parte dos encantos naturaes que o nosso país óferece ao forasteiro que o visita, e é sua fama, como a do Bussaco, a do Bom Jesus de Braga e de mais uma ou outra estancia, que atrae o estrangeiro, motivo por que se deve pôr todo o empenho em juntar a essas belesas naturaes, aquellas que a arte póde fornecer, aumentando-lhe assim os atrativos.

PROJECTO DE CADEIA PARA A VILLA DE CINTRA, PELO ARQUITETO SR. ADÃES BERMUDES

O projéto da nova cadeia é do arquiteto sr. Adães Bermudes, e tão modesto, como modestos são os recursos do municipio, tem contudo certa nobresa de aspéto, como o de um castélo medieval, bem apropriado ao fim que se destina.

Se neste projécto o seu autor conseguiu com simplicidade de linhas dar ao edificio agradavel aspéto, teve tambem em vista a boa disposição interior, atendendo ás indispensaveis exigencias da higiéne, disciplina e segurança deste genero de construções.

Para esse fim adoptou a disposição *panoptica* consistindo num pateo central, coberto, onde convergem todas as celas que constituem outras tantas prisões. Cada cela tem a sua retrete onde se instalará tambem um aparelho de *douches* para asseio dos detidos. As janelas são altas e não permitem a vista para o exterior.

Os presos recolhem de noite ás celas, trabalhando, em commum, durante o dia, no pateo central.

As celas do rez-do-chão destinam-se aos homens e as do pavimento superior ás mulheres, havendo para estas, tambem, uma sala para o trabalho em commum.

No ante-corpo, que precede a prisão propriamente dita, installam-se, no rez-do-chão: o vestibulo, a casa da guarda, o gabinete do registo das inquirições dos presos; no primeiro andar a habitação do carcereiro.